

Diversidade Humana e Inclusão Social na Escola: discurso dos Professores de Educação Física

Human Diversity and Social Inclusion in School: discourse of Teachers of Physical Education

Cíntia Carolina Marques Assis

Especialista em Educação Física Escolar pela Universidade Nove de Julho. Professora da Rede Pública Estadual de Ensino de São Paulo.

Raphael Gonçalves de Oliveira

Mestre em Educação Física pela UNIMEP. Professor da Rede Pública Estadual de Ensino de São Paulo. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Corporeidade, Pedagogia do Movimento e Diversidade Humana, da Universidade Estadual do Norte do Paraná. Professor do curso de Pós-Graduação em Educação Física Escolar da Universidade Nove de Julho.

Resumo: A inclusão social é um conceito que vem sendo usado para designar aqueles que estão de fora. Diferente da integração, em que os excluídos devem se aproximar dos padrões sociais, a inclusão responsabiliza a sociedade como um todo para que a diversidade humana seja respeitada. Dentre as diversas áreas que abordam esta temática, está a Educação Física escolar, que vem realizando pesquisas sobre práticas da cultura corporal de movimento e grupos minoritários. O objetivo do presente estudo foi verificar a fala de professores de Educação Física escolar sobre a inclusão social. A pesquisa se caracterizou como qualitativa e exploratória. Participaram 15 docentes do ensino fundamental II. Duas questões geradoras foram realizadas para verificar o que os professores entendiam por inclusão social e como trabalhavam na prática com este conceito. Para análise foi utilizada a Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado. Os resultados demonstraram que poucos professores discorreram sobre um conceito abrangente de inclusão social. A maioria se limitou apenas a alguns grupos minoritários, como também, utilizaram o conceito de integração em suas respostas. Desta forma, debates precisam ser realizados, para que uma abordagem moralista concreta da inclusão social passe a predominar entre os profissionais de Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física escolar; Inclusão social; Diversidade humana.

Abstract: Social inclusion is a concept that has been used to designate those who are outside. Unlike integration, in which the excluded should be closer to social standards, to include responsibility for society as a whole so that human diversity is respected. Amongst the areas that address this issue, is the Physical Education School, which has been conducting research on the cultural practices of body movement and minority groups. The aim of this study was to assess the speech of school physical education teachers on social inclusion. The research is characterized as qualitative and exploratory. Participants were 15 school teachers elementary II. Two questions generators were taken to verify what the teachers meant by social inclusion and how they worked in practice with this concept. For analysis we used the Elaboration Technique and Signified Units Analysis. The results showed that few teachers talked about a comprehensive concept of social inclusion. Most are limited to only some minority groups, but also used the concept of integration in their responses. Thus, discussions should be conducted so that a moralistic approach to social inclusion concrete move to predominate among the physical education professionals.

Key Words: School Physical Education; Social inclusion; Human diversity.

1 INTRODUÇÃO

O termo inclusão social é recente, usado principalmente após 1990 para designar “aqueles que estão de fora”. Na década de 1970 falava-se em grupos marginais e na década de 1980 passou-se a usar o termo segregação social (MAIOLINO; MANCEBO, 2005). O que impulsionou a discussão em torno desta temática foi principalmente a Declaração Mundial de Educação para Todos (UNESCO, 1990), na qual se estabeleceu um plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem e a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), que delimitou princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais.

Confundido algumas vezes com o conceito de integração, no qual, a pessoa excluída seria a responsável por se aproximar dos padrões sociais, a inclusão, responsabiliza a sociedade como um todo, que deve levar em consideração a diversidade existente entre os seres humanos (WALBER; SILVA, 2006).

Carmo (2005) define três abordagens para a discussão na perspectiva da diversidade humana, a saber: o moralismo abstrato, na qual ocorre a defesa da presença de todos com todos a partir de um forte apelo sentimental; o moralismo pseudoconcreto, em que excluídos e incluídos são vistos como iguais, deste modo, ocorre o desaparecimento da diferença na diferença; e o moralismo concreto, que utiliza a dialética em suas análises, advogando a unidade na diversidade, a igualdade na diferença e o específico no geral.

Esta terceira abordagem “concebe as desigualdades concretas existentes entre os homens como fruto histórico e estrutural da sociedade e não apenas como obras da meritocracia, capacidades e habilidades individuais” (CARMO, 2005, p.36).

A diversidade humana e a inclusão social é um tema que vem sendo debatido em diversas áreas científicas e dentre elas, a Educação Física, principalmente na escola. Analisar de forma contextualizada junto aos alunos o estatuto histórico de grupos historicamente desfavorecidos socialmente (tanto em práticas que envolvam o movimento humano, quanto fora delas), assim como, garantir oportunidades igualitárias em suas aulas, é o que se espera do profissional que atua nesta área.

Pesquisas envolvendo a Educação Física escolar e a inclusão social tem considerado principalmente as relações de alunos com e sem deficiência (LOPES; NABEIRO, 2008), de gênero (SILVA; GOMES; GOELLNER, 2008) e étnico-raciais (SANTOS, 2007), dentre outras. Algumas pesquisas estabelecem o foco na atuação do profissional (AGUIAR; DUARTE, 2005; RODRIGUES, 2003). O objetivo do presente estudo foi investigar o discurso sobre a inclusão social de professores de Educação Física escolar.

2 METODOLOGIA

O estudo caracterizou-se como qualitativo e exploratório (CERVO; BERVIAN, 2002). Participaram da coleta de dados 15 professores graduados em Educação Física, docentes do ensino fundamental II (6º ao 9º ano), sendo um professor da rede pública municipal, 10 da rede pública estadual e quatro de escolas particulares. Todas as escolas pertenciam a uma diretoria de ensino da Zona Norte da cidade de São Paulo e foram escolhidas de forma aleatória. A idade dos docentes variou de 22 a 55 anos e o tempo que atuavam no magistério foi de dois a 20 anos. Garantiu-se sigilo com relação aos voluntários e as instituições envolvidas e todos assinaram termo de consentimento livre e esclarecido.

Os voluntários da pesquisa responderam a duas questões geradoras (O que você entende por inclusão social? Como você trabalha a inclusão social em suas aulas?). As entrevistas foram registradas em um aparelho Aiwa, modelo TP-VS485 *Cassette Recorder*. As respostas foram transcritas na íntegra para posterior análise, utilizando-se a Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado, seguindo as fases de Relato Ingênuo, Identificação de Atitudes e Interpretação, proposta por Moreira, Simões e Porto (2005).

A fase de relato ingênuo, diz respeito à transcrição dos dizeres dos voluntários do estudo, em seu formato original, sem substituição da grafia, ou de termos, não sofrendo nenhum tipo de modificação, é o discurso na sua forma “pura”. Na fase de identificação de atitudes, o discurso geral da pessoa pesquisada, ou seja, o todo, não pode ser perdido; as unidades mais significativas devem ser subtraídas, para posterior criação de categorias, que sirvam de referencial para a interpretação. A terceira e última fase é a interpretação, em que um quadro geral de ideias, montado a partir das categorias da fase anterior, deve ser montado para que o relato dos pesquisados, sejam confrontados com os pontos de vistas de autores que abordam sobre o fenômeno pesquisado (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005).

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A seguir serão apresentados os relatos dos professores sobre o que entendiam por inclusão social. Alguns buscaram um conceito mais abrangente para tratar do tema. Mesmo com algumas limitações nas falas, expuseram que a inclusão social diz respeito a possibilitar oportunidades iguais aos alunos, independente de

deficiência física, etnia, gênero ou condições sócio-econômicas, como pode ser observado nas falas a seguir:

“Eu acho assim que a inclusão social é você estar incluindo os alunos com dificuldades, alunos diferenciados, que eles estejam participando todos do mesmo grupo, esteja de alguma forma contribuindo ali no grupo, agente tem até a inclusão de raças quem tem muito na escola, às vezes os alunos de outros países ou de outras cidades longes. Então acho que desde aí os deficientes também acabam sendo excluídos. Tem às vezes a característica psicológica do aluno, a característica individual dele” (Professor 1).

“Trabalhar com todos dentro das dificuldades, trazendo todos, qualquer tipo de exclusão, não é só os deficientes, todas as crianças percebem isto, tratamentos pejorativos (gordo ou o menos habilidoso), não deixá-los de fora como acontece a maior parte do tempo” (Professor 7).

“Aceitar as pessoas como elas são e inclui-las na sociedade, excluindo qualquer situação de religião ou economicamente” (Professor 8).

“Você poder trabalhar com os alunos, cada um com seu dom e suas limitações, fazer com que um vá respeitando ao outro, sem que haja qualquer tipo de discriminação. Na nossa área lidamos com o corpo, respeitar os limites individuais de cada um e ensinar a todos os alunos a respeitar o que os colegas conseguem executar” (Professor 10).

“Dar acesso para todos, independentemente de sexo, cor e qualquer tipo de preconceito” (Professor 14).

“O fato de você priorizar pessoas que não fazem parte de um determinado meio social independente de cor, raça e sexo” (Professor 15).

Foi possível perceber nestas falas, que os professores buscaram não limitar o conceito de inclusão social à pessoa deficiente. Apesar de existir uma grande quantidade de estudos sobre inclusão e a pessoa deficiente na área da Educação Física escolar, pesquisas como as de Silva, Gomes e Goellner (2008) e a de Santos (2007) tem demonstrado que outros grupos desfavorecidos socialmente também devem ser abordados.

Alguns professores se limitaram a conceitos que levam em consideração apenas à condição sócio econômica e/ou aos alunos que apresentam algum tipo de deficiência, como pode ser observado nos exemplos a seguir:

“Eu entendo por inclusão social principalmente a questão econômica, quando eu penso em inclusão social eu estou pensando em distribuição de renda e principalmente em outros bens ou valores que o cidadão necessita para estar se efetivando como cidadão e a partir disso a questão da inclusão social, passa pela questão econômica” (Professor 3).

“Os colegas ajudarem os deficientes físicos e mentais nos momentos das aulas” (Professor 11).

“Toda e qualquer pessoa portadora de necessidades especiais tem direito a participar das atividades, sem preconceito ou discriminação de suas limitações” (Professor 12).

“Todas as pessoas com deficiência ou de baixa renda tem os mesmos direitos de frequentarem uma escola, direito a um trabalho, em fim, um cidadão comum como os outros normais” (Professor 13).

Estas falas deixam transparecer que a opinião destes docentes quanto à inclusão se limita aos deficientes ou a uma distribuição mais igualitária de renda. Estes fatores efetivamente contribuem para que a inclusão/exclusão social ocorra, no entanto, se fazem necessário considerar também outros grupos, que podem sofrer preconceitos ou serem deixados a margem da sociedade, como mostrou Silva, Gomes e Goellner (2008) e Santos (2007).

Em algumas falas apareceram conceitos de igualdade ou da necessidade dos alunos participarem juntos das aulas de Educação Física, como pode ser observado nos relatos a seguir:

“Pra mim inclusão social não depende só de classe social, de raça, deficiência, então eu procuro trabalhar com a criança e que ela entenda que ela é igual à outra, mas com limitações diferentes” (Professor 2).

“Integração entre os alunos, trabalhando em equipe, sem exclusão, fazendo com que todos trabalhem juntos” (Professor 9).

Estas falas mostram a preocupação dos professores em possibilitar condições para que todos os alunos participem juntos das atividades propostas. Porém, alguns cuidados precisam ser tomados por estes profissionais, no que diz respeito aos conceitos de inclusão. Na primeira fala o professor trabalha com o princípio da igualdade, que como alertou Carmo (2005), acaba por ser um discurso pseudoconcreto da diversidade humana, em que incluídos e excluídos são vistos como iguais, desaparecendo a diferença na diferença. Na segunda fala, o professor usa o termo integração, no qual a pessoa excluída deve tentar por seus próprios esforços se aproximar dos padrões estabelecidos pela maioria, como demonstrado por Walber e Silva (2006).

Outros dois discursos apresentaram conceitos que vão desde a exclusão como algo que ocorre naturalmente, ou seja, um aspecto intrínseco aos seres humanos, até o relato que sugere a participação de deficientes severos em instituições especializadas, devido à dificuldade de materiais específicos.

“Existem dois pontos, incluir seres humanos na sociedade e na natureza. Não havendo esta inclusão, pois a natureza retira qualquer que seja o ser humano, animal ou vegetal que não esteja compatível. A sociedade impõe a exclusão sem avaliar as consequências que podem ocorrer” (Professor 4).

“Ações que a equipe docente pode fazer para o aluno participar no coletivo, tentando retirar o máximo possível dele, o que muitas vezes não acontece pela necessidade do material não disponível, aí temos que utilizar a criatividade. Melhor seria, o aproveitamento em instituições especializadas, exemplo de alunos deficientes severos” (Professor 5).

A fala dos professores vem de encontro com o conceito de integração social, ou seja, de que é responsabilidade da pessoa excluída se aproximar

dos padrões estabelecidos pela sociedade, caso isso não ocorra, cabe a estas pessoas, frequentar ambientes segregados. A inclusão social responsabiliza todos os membros da sociedade; nela, incluídos e excluídos devem juntos, proporcionar possibilidades para que as oportunidades sejam oferecidas a todos sem qualquer tipo de distinção (WALBER; SILVA, 2006).

Um professor declarou que não basta apenas possibilitar convívio social aos excluídos, todavia, não apresentou um conceito próprio do que seria a inclusão, como pode ser visto em sua fala:

"Não é só a questão de a educação física dar condições para os alunos se desenvolverem em todos os aspectos afetivos sociais e psicológicos, convivência não basta" (Professor 6).

Analisar de forma crítica e histórica a exclusão de minorias deve ser o ponto de partida para que o moralismo concreto, sugerido por Carmo (2005), possa predominar. Conforme sugere o autor, apenas apelos sentimentais ou através da negação das identidades, uma efetiva mudança não poderá ser efetivada.

A seguir serão apresentados os relatos dos professores sobre como trabalham a inclusão social em suas aulas. Alguns disseram que procuram conscientizar os alunos sobre as diferenças existentes entre os seres humanos, como pode ser verificado nos relatos que seguem:

"Então eu vejo que nas minhas aulas pelo menos eu procuro que não haja discriminação de qualquer tipo e eu falo sempre para os alunos, para que não haja discriminação, porque da mesma forma que existe pessoas diferentes, são seres individuais. A formação motora também é diferente para cada um, não tem como você mudar isso, e o que você tem que fazer é você tentar colocar na cabeça do cidadão, do aluno no caso, que ele tem que ganhar isso, do mesmo jeito que ele precisa ganhar informações cognitivas que vão fazer valer a sua vida de cidadão, ele tem que ganhar

também informações motoras e essas informações motoras infelizmente um dos únicos lugares para ele fazer isso é na aula de Educação Física, portanto é o lugar certo para você adquirir estas informações" (Professor 3).

"Conscientização de suas limitações e qualificações e dos dois lados, o menos habilidoso e o mais habilidoso, não é porque ele não consegue desenvolver determinada modalidade, que não vai se sentir valorizado ou vice versa, assim como os mais habilidosos não podem se sentir os melhores, lembrando que o aluno excluído não quer experimentar. O objetivo da nossa área, não é formar atletas e sim seres humanos que usufruam suas habilidades" (Professor 10).

No discurso destes professores é perceptível a valorização com relação à conscientização quanto ao respeito às diferenças. Respeitar às individualidades dos alunos, assim como proporcionar que eles se respeitem mutuamente durante as atividades, poderá contribuir para um ambiente inclusivo durante as aulas de Educação Física (BRASIL, 1998).

A maior parte dos outros professores se limitou a questão da pessoa deficiente. Alguns disseram que para possibilitar a participação destes, fazem adaptações em suas aulas, como nos exemplos a seguir:

"Utilizo dinâmica de grupo, faço com que os colegas ajudem os outros. Na prática se estiver com dificuldade eu costumo adaptar as minhas aulas" (Professor 9).

"Adaptar as atividades, vôlei, basquete ou se locomovendo pelos obstáculos com a cadeira. Exercício físico para o deficiente mental ou obeso com adaptações as suas dificuldades" (Professor 11).

"Existe a necessidade de conscientização dos alunos de que os portadores de necessidades especiais são pessoas iguais, só que com algumas limitações. Feito isto, dentro das aulas, adapta-se o conteúdo para que o portador de necessidades participe ativamente da aula" (Professor 12).

Adaptar as atividades para que alunos com alguma limitação, como é o caso dos deficientes,

por exemplo, possam participar das atividades com os demais, se torna fundamental, todavia, o professor deve se preocupar também, para que a adaptação ocorra para com o aluno que dela necessite, não precisando necessariamente ocorrer para com todos. Lopes e Nabeiro (2008) verificaram em uma turma de alunos que realizavam aulas de Educação Física com uma colega deficiente, que esta participava das atividades com a ajuda dos colegas, sem que isso atrapalhasse o andamento das atividades, ou os conteúdos.

No discurso de alguns docentes foi possível perceber que alguns alunos não participam das mesmas atividades que os demais, como se pode ver nestas falas:

“Então eu com a Educação Física procuro estar orientando o grupo para estar chamando esses alunos a participar, eu solicito às vezes que eles me mostrem alguma coisa, me ajudem em algo, me ajudem a contar pontos nos jogos, eu procuro fazer com que eles vão entrando um pouquinho na atividade e que eles dêem dicas” (Professor 1).

“Dar outra função quando não consegue fazer algo, auxiliando o professor, dar a opinião ou função de responsabilidade. Dando partida de dama e xadrez, atividade de raciocínio para estímulo, pesquisa, trabalho, incluí-lo com os alunos explicando como é a deficiência e ajudando socialmente, é possível só depende da vontade do professor” (Professor 5).

“Adapto as atividades para que ele possa participar ou coloco-o para apitar o jogo” (Professor 6).

Fica clara a dificuldade dos professores em trabalharem com a diversidade humana e a inclusão social. Os alunos quando não participam efetivamente com os demais, acabam por ficar a margem das atividades desenvolvidas, não usufruindo dos benefícios que as mesmas podem proporcionar (BRASIL, 1998).

Na fala de alguns, os apontamentos foram referentes à formação profissional, necessidade

de salas de aulas específicas, falta de material e super lotação das classes. Segue a fala dos professores:

“Os alunos de 5ª a 8ª série do Ciclo II se sentem excluídos por tudo, por terem uma roupa diferente, eles se sentem excluídos socialmente ou por eles ter um problema físico, ele acaba se excluindo e você tem que tentar de várias formas incluí-lo, mas, muitas vezes é complicado, você tem que trabalhar a forma psicológica da criança e não temos essa formação. Você tem que desenvolver atividades que eles se sintam preparados para participar ou tenha algum interesse em participar” (Professor 2).

“Já trabalhei com crianças com várias deficiências, eu tento o melhor possível, tento readaptá-la, mas as minhas dificuldades no estado é que os pais não colaboram nem o estado, dando um diagnóstico do que a criança tem, para poder trabalhar, sem o diagnóstico não tem como trabalhar. Quando se tem o diagnóstico você tem que se dividir em dois, dentre a sala e o aluno incluso, sem contar o subgrupo que é o dos bagunceiros, indisciplinados, você tem que se dividir em três para conseguir trabalhar. Deveria ter uma sala somente com quem tem problema, assim conseguiria montar uma aula específica. Os alunos mesmos excluem os indiferentes. Deveria ser preparado um trabalho específico para depois incluí-lo, as escolas do estado não estão preparadas para esta inclusão” (Professor 4).

“Na prática, nos colégios públicos é complicado, pois a super lotação da sala e pouco material, faz com que você trabalhe individual com esta criança ou com as 39, preferindo o aluno incluso e excluindo o restante, assim como vice-versa, é interessante trabalhar de maneira abrangente, sem focar em somente um aluno, ele tem que fazer parte do grupo. Não dá para dar uma atenção totalmente individual” (Professor 7).

“O grande problema é a falta de material para uma aula mais prazerosa e proveitosa” (Professor 8).

“Eu tento, mas faltam mais investimentos para os professores que trabalham” (Professor 13).

Os elementos abordados pelos professores são questões importantes que não podem ser ignoradas, como a falta de materiais e salas superlotadas, todavia, estes apontamentos não

podem justificar a exclusão nas aulas de Educação Física. Trabalhos como os de Lopes e Nabeiro (2008), mostram possibilidades para que o professor possa trabalhar com a diversidade humana em um ambiente inclusivo.

Outros professores disseram ter respeito pelas capacidades que cada aluno possui, ou possibilitar atividades em que todos trabalhem juntos, no entanto, não relataram como fazem isso, como pode ser visto nos dizeres a seguir:

"Procurar respeitar suas capacidades em geral, enquanto ser humano" (Professor 14).

"Converso com os alunos, dou atividades onde todos possam trabalhar juntos" (Professor 15).

Respeitar a individualidade e possibilitar que todos os alunos tenham a oportunidade de participar das atividades propostas nas aulas de Educação Física se faz necessário, todavia, o professor terá que criar condições para que a participação ocorra junto com os demais, na mesma atividade (LOPES; NABEIRO, 2008; RODRIGUES, 2003).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com a diversidade humana e a inclusão social nas aulas de Educação Física escolar é um desafio que precisa ser assumido pelos professores. Neste estudo, o discurso de alguns docentes apontou para um conceito abrangente de inclusão social, no entanto, a maioria se limitou apenas a alguns grupos minoritários, ou a conceitos que não levavam em consideração uma abordagem moralista concreta da igualdade social. Torna-se necessário uma discussão histórico-crítica sobre a diversidade humana e a inclusão social entre os professores de Educação Física escolar, assim como destes, para com seus alunos. Deste modo, preconceitos

poderão ser superados tanto pelos docentes, como pelos discentes durante as práticas de atividades motoras na escola.

5 REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J. S.; DUARTE, E. Educação inclusiva: um estudo na área da Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.11, n.2, p.223-240, 2005.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- CARMO, A. A. Diversidade Humana e Educação. In: FERREIRA, E. L. (org.) **Dança Artística e Esportiva para pessoas com deficiência: multiplicidade, complexidade e maleabilidade corporal**. Juiz de Fora: CBDCE, 2005.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- LOPES, A. C.; NABEIRO, M. Educação Física escolar e o contexto inclusivo: o que pensam os educandos sem deficiência? **Motriz**, v.14, n.4, p.494-504, 2008.
- MAIOLINO, A. L. G.; MANCEBO, D. Análise histórica da desigualdade: marginalidade, segregação e exclusão. **Psicologia & Sociedade**, v.17, n.2, p.14-20, 2005.
- MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R.; PORTO, E. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.13, n.4, p.107-114, 2005.
- RODRIGUES, D. A. A Educação Física perante a educação inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas. **Revista da Educação Física/UEM**, v.14, n.1, p.67-73, 2003.
- SANTOS, M. V. **O estudante negro na cultura estudantil e na Educação Física escolar**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- SILVA, P.; GOMES, P. B.; GOELLNER, S. As relações de gênero no espaço da Educação Física – a percepção de alunos e alunas. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 8, n.3, p.396-405, 2008.
- UNESCO. **Declaração de Salamanca sobre princípios, política e práticas na área das necessidades educativas especiais**. Salamanca, 1994. Acesso em 14 mai. 2010.

Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001393/139394por.pdf>.

UNESCO. **Declaração mundial sobre educação para todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem**. Jomtien, 1990. Acesso em 14 mai. 2010. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>.

WALBER, V. B.; SILVA, R. N. As práticas de cuidado e a questão da deficiência: integração ou inclusão? **Estudos de Psicologia**, v.23, n.1, p.29-37, 2006.

Correspondência:

Autor: Raphael Gonçalves de Oliveira

Endereço: Rua Norberto Dell Agnollo, 48, Tibiriça, Piraju-SP.

CEP: 18800-000

E-mail: raphaelpiraju@yahoo.com.br

Recebido em 19 de julho de 2010.

Aceito em 06 de setembro de 2010.